

AS CORRIDAS

As motos roncam no circuito de Vila Real e lá estou eu, pendurado no muro das traseiras, a espreitar a Norton que vem à cabeça, curvando, espectacular, na rampa de São Pedro. O cheiro a gasolina embebida a catraçada. É quase tão bom como o incenso do mês de Maria. Baba-se o tontinho da cidade e alguns padres deitam foguetes e panham as canas. As motos cortaram já a meta, quando chega a notícia de um desastre na Trimpeira. Mas a festa prossegue, com a feira dos pucarinhos, e o barro negro de Bisalhães racha-se na cabeça dos feirantes.

De álcool se fazia o teu viver e nos balcões de zinco bebias já as páginas, o próprio índice dos livros refazias. Eram copos minúsculos, depois as cantarinhas, as nódoas do vômito, as ressacas. Preferias as águas da manhã, quando o vento sopra nestas folhas e tu sabes, num balcão onde te acoitas, que a bebida simples nunca é a única e tu, bebedor, és já a bebida.

Desenhos nos vidros embaciados. Aqueles primitivos desenhos: uma flor, o sol, uma casa. Nomes. E tudo apagado de repente, os dedos frios, a paisagem agora nítida, húmida, desolada: uma rua estreita, casas com varandas de madeira, a inveja de outras crianças que jogam o peão mesmo com a chuva a cair e a ameaça da trovoada.

Há um arcanjo de que Rilke falava. Uma pedra tumular no Mosteiro de Leça do Balleio. Um relógio despedaçado encontrado junto ao Drugstore dos Campos Elísios. Uma rapariga que subitamente parou e alguém lhe deu a mão. Nunca se tinham visto ou encontrado e qualquer coisa ali se passou que ele não sabe explicar pois havia demasiado movimento, alguém o esperava lá ao fundo, ele soltou a mão que segurava, ela afastou-se, e cada um, ainda a olhar para trás, partiu para seu lado para nunca mais se ver ou encontrar.

Nos cafés desenham os paisanos, vulgares e senhores de bagaço e genebra, raspando o mármore entre folhas do jornal. Morrem os cafés com seu bilhar, bengaleiro e escarrador. Música de rádio ainda sintoniza a serradura e os vidros bagos quando chove. Recordo cafés destruídos por impias criaturas do plástico. Já não servem cevada ou Eduardinho e o açúcar não vem no açúcarreiro. Alguns ainda assinam os jornais, o cobre limpam e pagam aos paquetes. Autorizam cauleiros, a caixa do engraxador, a rapariga das violetas. Violentam os cafés aqueles da usura, ratos do cimento.

OS CAFÉS

A barba é o meu gato. Atago-a nesse jeito de quem passa os dedos pelo dorso de um bichano. Eu sei que estou a tocar num tigre: a barba encrespa-se, revolve-se mesmo. Ondas, campos de milho, searas, também conhecem atago igual. Mas este gato rebelde, a minha barba apenas, é agora tudo a que me prendo. Mestres já me dizem do excesso de assim me virar para dentro. Não! É para fora! Mora a barba noutras eras, noutra espaço. É ela que me afaga a mim: a última ternura.

A BARBA

Julho 2026

Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

**Eduardo Guerra Carneiro**

(Chaves, 1942 – Lisboa, 2004)

foi um poeta, cronista, tradutor e jornalista português. Frequentou as Faculdades de Letras do Porto e de Lisboa, sem concluir a licenciatura, e iniciou muito cedo a sua atividade literária, ligado ao movimento cultural Setentrião, em Vila Real. Estreou-se na poesia com *O Perfil da Estátua* (1962), seguindo

-se livros como *Isto Anda Tudo Ligado* (1970), *É Assim que se Faz a História* (1973), *Dama de Copas* (1981), *Contra a Corrente* (1988), *Profissão de Fé* (1990), *Lixo* (1993) e *A Noiva das Astúrias* (2001).

O PESCOÇO

Altas mulheres de pescoco alegre
fogem pelo campo oferecem a doçura
da bilha Tambores são ribeiras
O pescoco é açúcar ou folha de loureiro
Deste lado do corpo é profundo agita-se
desliza sobre espáduas É bom beijar
um pescoco de mulher anunciar
pátios onde circulam aldeias riem
inteiras salas espelhadas Eu toco ligeiramente
o teu pescoco ele se ergue alegre

Acordo do outro lado e pescoco é lacre
antigo vinho ligeiro tronco de arbusto
Entendo todas as vozes quando bebo
amor obsessivamente pelo teu pescoco
Ó magnífica taça inebriada pelo odor
da melancia do mapa das folhas de malva
Acordo e a primeira imagem é o teu pescoco

Comprimidos literários de Eduardo Guerra Carneiro

Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: www.correiodoporto.pt

Edição # 160 aprovada na cidade do Porto, Portugal, no dia 30 de junho de 2026

Edição de Paulo Moreira Lopes